

O MUNDO DO FUTEBOL NAS CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES

Marcelino Rodrigues da Silva*

ABSTRACT:

This work aims to discuss the process of production of Brazilian soccer mythology, analyzing Nelson Rodrigues' soccer chronicles to show how they articulate meanings that are part of the collective repertory through which soccer is interpreted in Brazil.

KEY WORDS: Soccer; Meaning; Chronicle; Drama; Nation.

A idéia de que o futebol tem, na cultura brasileira, um forte aspecto simbólico tem sido amplamente discutida por estudos que tratam do fenômeno futebolístico brasileiro. O antropólogo Roberto DaMatta, por exemplo, no ensaio "Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social" (1986), afirma que o futebol é, no Brasil, uma "metáfora da própria vida", uma "dramatização" através da qual a sociedade representa seus dilemas. E Anatol Rosenfeld, no artigo "O futebol no Brasil" (1993), considera o futebol uma forma de "expressão simbólica" ou "representação organizada" através da qual a sociedade brasileira expia impulsos e tensões da vida social, num processo de catarse. Mas esses estudos não se preocupam em investigar o modo como os sentidos associados ao futebol pelo imaginário coletivo brasileiro são produzidos. É isso, então, o que nos propomos a fazer neste trabalho.

Para conduzir nossa discussão partiremos de algumas reflexões sobre o jogo. Na antropologia encontramos a idéia de que o jogo tem um estreito parentesco com o ritual, do qual ele teria herdado um caráter simbólico. Na lingüística encontramos a constatação da semelhança entre a estrutura formal do

* Mestre em Teoria da Literatura, 1997.

jogo e a organização estrutural da linguagem. E na semiologia, especificamente em um texto de Barthes sobre o *catch* (essa luta livre encenada que se vê na TV), encontramos a relação entre jogo e espetáculo. Barthes (1993) diz que o *catch* não é um esporte, e sim um espetáculo que, através de alguns artifícios mais próprios do teatro (a ênfase e o excesso), se apropria de um "simbolismo secreto" do jogo para produzir seu efeito sobre o público.

A partir dessas referências, propomos o seguinte raciocínio. Na estrutura formal do jogo, sobretudo no princípio agonístico, estariam inscritas certas possibilidades de significação, relacionadas ao simbolismo dos antigos jogos rituais: a luta do homem contra a morte, contra as forças hostis da natureza e da sociedade, contra seus medos, fraquezas, limites, etc. Por outro lado, o jogo cria em torno de si um universo referencial fechado, que parece funcionar como um campo semântico particular a limitar as possibilidades de interpretação. Concentrados na disputa pela vitória, os jogadores tenderiam a não explorar o potencial simbólico do jogo, e a interpretação tenderia a se manter presa ao seu universo referencial. Mas, quando o jogo se transforma em espetáculo, ele se torna um "discurso" dirigido aos espectadores, oferecendo-se à interpretação e induzindo a produção de uma série de novos discursos que falam sobre ele: as conversas de botequim, os cantos das torcidas, as narrações radiofônicas, o discurso verbal e imagético da imprensa e da televisão, etc. Através desses discursos, o potencial simbólico inscrito na estrutura formal do jogo seria posto em funcionamento, fazendo dele um sistema de significação dinâmico, por meio do qual poderiam ser produzidos sentidos que ultrapassam sua esfera semântica. O discurso sobre o jogo exerceria uma pressão sobre as significações relacionadas a ele, deslocando-as para outros campos semânticos. Nesse processo, o discurso da crônica esportiva teria uma função especial. Ao se vincular à rubrica "crônica", ele reivindica certas liberdades que o distinguem do discurso objetivo do jornalismo. Pois, ao mesmo tempo em que tem a referencialidade jornalística, a crônica tem também uma série de características ditas "literárias": a abertura ao impressionismo e ao subjetivismo, a ambigüidade na relação com os fatos, o tratamento estético da linguagem, etc. Essas

características fariam dela um espaço privilegiado para a produção de sentidos a partir do futebol. Um espaço em que os fatos esportivos podem abandonar a moldura meramente contingencial da notícia, onde a interpretação tende a se restringir ao universo referencial do jogo, para ganhar uma dimensão mais ampla.

Um dos exemplos mais significativos desse processo são as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, um autor que explorou de modo radical as liberdades da crônica na relação com os fatos esportivos. Em uma crônica de 56, Nelson diz que o cronista deveria "retocar o fato", "transfigurá-lo", "dramatizá-lo", dando a eles "uma dimensão nova e emocionante", deveria "pentear ou desgrenhar o acontecimento, e, de qualquer forma negar sua imagem autêntica e alvar" (RODRIGUES, 1994:11). Daí sua concepção particular do futebol, sintetizada em uma crônica de 63, sobre a famosa partida entre Santos e Milan pelo mundial inter-clubes:

O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime na vitória do Santos é que atrás dela há o homem brasileiro, com o seu peito largo, lustroso, homérico.(RODRIGUES, 1993:104).

Esse trecho é uma alusão à teoria clássica do drama, estabelecida por Aristóteles (1992) na *Poética*, segundo a qual a tragédia tem por fim suscitar o "terror" e a "piedade", levando à purificação dessas emoções pela catarse. Através dessa relação com o drama, Nelson projeta no futebol uma dimensão de representação: o futebol é um teatro no qual se encena o destino trágico ou épico do homem; as ações dos atores da cena futebolística valem pelas ações de outros agentes; a vitória do Santos vale pela vitória do homem brasileiro. Seguindo a pista sugerida pelo próprio cronista, podemos utilizar algumas das categorias estabelecidas por Aristóteles na *Poética*, especialmente os conceitos de "mito" e "carácter", para sistematizar certos procedimentos através dos quais Nelson recria os acontecimentos esportivos. O "mito" é o entrecho, o enredo, a seqüência de ações, correspondendo no futebol ao desenvolvimento dos jogos e campeonatos, à marcha do placar. O "carácter" diz respeito às qualidades dos agentes, que no futebol são, principalmente, os jogadores. Esses dois elementos têm uma relação dialética: as ações revelam as qualidades do agente, as quais, por sua vez, determinam suas ações.

Em sua leitura do futebol, Nelson está sempre manejando essas duas dimensões do drama. Podemos dizer, por exemplo, que ele opera uma ênfase no "carácter", uma pintura enfática das personagens esportivas. Como nas crônicas publicadas na coluna "O personagem da semana", em que ele escolhe, entre as personagens de um jogo, "a figura que possa traduzir o símbolo pessoal e humano da batalha" (RODRIGUES, 1994:47). Em relação ao "mito", o procedimento típico do cronista é colocar em relevo certos momentos de um jogo que têm maior apelo dramático. Esse procedimento pode ser comparado ao que Aristóteles chama de "elementos qualitativos do mito complexo" - certos artifícios usados nos enredos das tragédias com a finalidade de atingir o efeito catártico. Em uma crônica de 57, sobre uma partida entre Flamengo e Canto do Rio, Nelson utiliza o "reconhecimento". A crônica gira em torno de uma cena em que um jogador do Flamengo cospe na bola antes da cobrança de um pênalti pelo Canto do Rio. Essa ação teria causado a perda do pênalti, revelando a presença do sobrenatural, do imponderável, que interfere na vida dos homens e dos times (RODRIGUES, 1993:31). Assim como o "reconhecimento", os outros "elementos qualitativos do mito complexo" (a "peripécia" e a "catástrofe") também aparecem nas crônicas de Nelson, lembrando o uso dos recursos teatrais que Barthes aponta no *catch*. Vejamos, então, como o cronista aplica essa lógica na interpretação dos jogos em que o "escrete" defende as cores brasileiras nas competições internacionais.

Para Nelson o escrete sempre foi "a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas" (RODRIGUES, 1994:179). Na idéia da "pátria em chuteiras" o que está implicado é o sentido moderno da palavra nação: uma comunidade política que, para existir, precisa ser corporificada por signos que representem os laços de pertencimento e solidariedade que unem seus membros, a despeito dos conflitos que existam entre eles. Nas crônicas de Nelson Rodrigues, é só através do escrete que a nação se realiza plenamente. Em uma crônica de 70, por exemplo, ele afirma que os jogos do escrete são as únicas ocasiões "em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil" e que, "fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo", "todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção" (RODRIGUES, 1993:181). Assim, Nelson projeta, na trajetória do

escrete nas competições internacionais, o "mito" da nação brasileira, revelando através dele as qualidades do agente representado, o homem brasileiro.

Um dos momentos cruciais dessa trajetória é a conquista do primeiro campeonato mundial, em 58. Para compreender a leitura que Nelson faz dela, no entanto, é necessário mencionar alguns sentidos que certos acontecimentos anteriores já tinham adquirido naquela época. Dois fatos são particularmente importantes: a criação de um estilo brasileiro de jogar o futebol que, pela influência de elementos de cultura negra como o samba e a capoeira, vinha sendo visto como um signo da identidade do homem brasileiro, e a derrota brasileira na final da Copa do Mundo de 50 para o Uruguai, que foi debitada pela opinião pública à fraqueza moral de nossos jogadores negros e mestiços. Na lógica dramática de Nelson, a derrota de 50 é o signo daquela que era, para ele, a grande fraqueza do homem brasileiro: o "complexo de vira-latas", o sentimento de inferioridade diante do outro, do estrangeiro, cuja origem estava no velho dilema da raça, da impureza étnica e cultural.

Quando o Brasil vai para Copa da Suécia, em 58, esse era o dilema projetado no futebol por Nelson Rodrigues: o valor e o destino de uma nação que, por sua impureza, parecia condenada ao fracasso, mas que tinha potencialidades infinitas que, para se realizarem, dependiam de uma mudança de atitude diante do outro. Numa das crônicas que comentam a conquista do campeonato, Nelson escolhe o negro Didi como símbolo da vitória brasileira. A escolha se justifica porque, embora fosse um virtuose da bola, Didi tinha uma imagem de preguiçoso, de indolente. O dilema de Didi era o dilema do homem brasileiro: "bom de bola" mas "frouxo como homem". Exatamente por isso, o cronista se concentra nas virtudes morais que o craque revelou durante o campeonato, estendendo-as a todos os brasileiros. Com a conquista não era só a imagem de Didi que se transformava. Era, sobretudo, a imagem que o brasileiro fazia de si próprio.

A partir desse mundial, o brasileiro começa a ter uma nova imagem de Didi. Repito: – passa a ver Didi como um homem de bem. Pois nós sabemos que nenhum escrete levanta um campeonato do mundo sem extraordinárias qualidades morais. De nada adiantará o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional do triunfo de ontem está no seguinte: – foi, antes de tudo, o triunfo do homem. (RODRIGUES, 1993:59).

Em 62, quando o Brasil conquista o bicampeonato mundial, as atuações excepcionais de Garrincha permitem a Nelson transferir para as qualidades consideradas típicas do brasileiro o valor positivo do "carácter" nacional. Se em 58 os grandes heróis foram Pelé e Didi, que além de virtuosos da bola mostraram ser também bravos, sérios e responsáveis como os europeus, em 62 Garrincha vence usando apenas seu futebol lúdico e dionisíaco. Em uma crônica antológica, em que comenta o jogo final contra a Tcheco-Eslováquia, Nelson se concentra num único momento: nos minutos finais, depois de ter trucidado os tchecos com seus dribles desconcertantes, Garrincha pára diante de alguns adversários. É o momento do "reconhecimento", que propicia ao cronista a revelação de todo o quadro de significação envolvido no drama.

É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de outro lado, feio e torto, o Mané. Por fim, o marcador do brasileiro, como única reação, põe as mãos nos quadris como uma briosa lavadeira.

Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. [...] O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem.

Aqueles quatro ou cinco tchecos, parados diante de Mané, magnetizados, representavam a Europa. Diante de um valor humano insuspeitado e deslumbrante, a Europa emudecia, com os seus túmulos, as suas torres, os seus claustros, os seus rios. (RODRIGUES, 1994:79).

Assim, a trajetória da conquista do tricampeonato mundial é, nas crônicas de Nelson Rodrigues, um grande drama em que, aplicando a dialética do "mito" e do "carácter", o cronista representa um destino vitorioso para a nação brasileira e procura fixar uma imagem positiva do "carácter" nacional. Através desse drama Nelson realiza, no campo simbólico do futebol, o tratamento mítico, do tempo que é próprio das imaginações nacionais. Os craques do escrete se tornam símbolos eternos das altas qualidades do homem brasileiro e suas ações deixam a esfera da simples contingência esportiva para se tornarem marcos, pontos de referência para a construção de um passado coletivo, de uma memória nacional.

Para realizar essa leitura, Nelson faz um uso bem particular de certos recursos retóricos. Devemos observar que o jornalismo esportivo é um campo em que o discurso persuasivo tem naturalmente um lugar, pois nele estão

sempre sendo emitidos juízos sobre as qualidades dos jogadores, o destino dos times, etc. Mas a intenção de persuadir é limitada pela objetividade característica do jornalismo. Nas crônicas de Nelson, ao contrário, faz-se uma utilização deliberada e engenhosa do discurso persuasivo. É fácil reconhecer nelas a presença das técnicas retóricas: na disposição dos elementos ao longo do texto, no uso das figuras com a finalidade de distorcer a imagem dos fatos e personagens esportivos e na construção dos argumentos. É neste último aspecto que encontramos os recursos retóricos mais característicos de seu texto: o entimema, a máxima, a indução e o silogismo aparente. No artigo "Frases e seu fundo falso", Flora Sússekind (1993) observa que, ao invés de servirem, como de costume, à reafirmação das regras, opiniões e normas de comportamento do senso comum, esses recursos são usados por Nelson para construir enunciados irônicos, insólitos ou absurdos, com a finalidade de questionar essas regras, opiniões e normas de comportamento. Um bom exemplo da utilização desses recursos em suas crônicas de futebol está numa das crônicas escritas após a final da Copa de 58:

...o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: - o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro. (RODRIGUES, 1993:61).

Esse raciocínio (se apenas os ingleses são disciplinados e os brasileiros são os mais disciplinados, então os brasileiros são os únicos e verdadeiros ingleses) é um típico silogismo aparente, pois, embora seja formalmente completo, conduz a uma conclusão absurda, incoerente e cômica. Através dele, Nelson explicita a fragilidade das premissas que sustentavam o "complexo de vira-latas", colocando em xeque juízos sobre o homem brasileiro que circulavam no senso comum, associados a sentidos que a opinião pública atribuía à derrota na Copa de 50. Assim, Nelson opera um deslocamento nesses sentidos, transformando a identificação entre o fracasso futebolístico e a incapacidade da nação para o sucesso na identificação entre o triunfo e o destino vitorioso que estaria reservado à nação. Podemos dizer então que o processo de produção de sentidos operado pelo cronista a partir do futebol não é uma operação automática, em que os mesmos significados são repetidos e reiterados. Ao contrário, é uma operação

dinâmica em que novos sentidos, articulados às circunstâncias esportivas e extra-esportivas, são produzidos e colocados em circulação.

É importante observar que as crônicas de Nelson Rodrigues não são, como os estudos que citamos anteriormente, discursos produzidos com o distanciamento e a objetividade do trabalho acadêmico. Ao contrário, elas são parte do mundo do futebol e foram escritas no calor dos fatos que comentam. Seus leitores são as mesmas pessoas que vão aos estádios, que acompanham os jogos, que conversam sobre o futebol, etc. Assim, quando vemos sentidos que hoje fazem parte da mitologia futebolística brasileira serem articulados nelas, estamos surpreendendo a produção desses sentidos em pleno andamento. Um bom exemplo disso é a famosa crônica em que Nelson descobre a "realeza" de um garoto de 17 anos apelidado Pelé, que mais tarde se tornaria um dos maiores símbolos da identidade brasileira (RODRIGUES, 1993:42). Assim, parece-nos pertinente a hipótese de que foi no espaço da crônica que muitos desses signos que hoje fazem parte da mitologia futebolística brasileira foram produzidos. Nas crônicas de Nelson Rodrigues, mas também nas crônicas de Thomaz Mazzoni, de Mário Filho, de Armando Nogueira e de uma série de outros autores que, a seu modo, também fizeram uma interpretação produtiva do universo do futebol.

RESUMO:

A fim de discutir o modo pelo qual é produzida a mitologia futebolística brasileira, analisamos as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues e indicamos como através delas são produzidos sentidos que hoje fazem parte de um repertório coletivo através do qual o futebol é interpretado no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: *Futebol; Sentido; Crônica; Drama; Nação.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARISTÓTELES. *Poética*. 3.ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p.11-20: O mundo do catch.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p.147-225.
- CANDIDO, Antonio et al. *A crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992.
- DAMATTA, Roberto. *Explorações; ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.101-120: Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social.
- HOBBSBAWN, Eric J. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.73-106: O futebol no Brasil.
- SÜSSEKIND, Flora. Frases e seu fundo falso. In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. p.265-266.